



# A Illustração Portuguesa

## SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimêntel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

### SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por C. D.—*A ilha Graciosa*, por Pinheiro Chagas.—*Versos de Madame La Vallière*, traducção, por Alberto Pimêntel.—*A sociedade de S. Petersburgo*, pelo Conde Paulo Vasili.—*Os crimes elegantes*, romance, (continuação), por Gervasio Lobato.—*O cura*, conto, por José Maria da Costa.—*As nossas gravuras*.—*Tyranna*, versos, por Robinson.—*Em familia (Passatempos)*.—*A rir*.—*Um conselho por semana*.—*Um segredo*, conto, por Lorjô Tavares.

GRAVURAS:—*José da Silva Mendes Leal*.—*O claustro do convento dos Jeronymos, em Belem*.—*Gentil mulher!*.—*Abriçando-se da chuva*.—*Um mau encontro*.

### CHRONICA

Não se desconsolle o elegante chronista que me precedeu n'esta faina de todas as semanas.

Ninguém, afinal, lhe beliscou o seu principe bem amado. Aquillo não foi mais do que uma comedia representada no Oriente, para divertir o grão-turco e desopilar o figado do sr. de Bismarck. Sahindo completamente da politica, a aventura bulgara entrou no dominio da arte theatral, e é sob esse ponto de vista que devemos encaral-a, sem temor de ver alterado o equilibrio da Europa.

Cada paiz tem a sua especialidade. A vizinha Hespanha é a patria da Zarzuela. A França republicana produ-



JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL

zio o Can-can e as cançonetas bregeiras do Paulus. A Bulgaria é o paiz da opera-comica, das revoluções patuscas e dos golpes de estado com musica de Offenbach.

A' hora em que escrevemos, o principe Alexandre deve já ter entrado as portas de Sofia, restituindo-se ao seu throno reluzente, ás suas chinellas bordadas, ao seu chapéu de feltro,—aquelle negregado chapéu que lhe ficára esquecido no guarda-fato, pela pressa com que abalou,—e á sua roupa branca, de fina bretanha de linho, que suspirava, saudosa e triste, nos gavetões da commoda de pau santo, entre *sachets* de iris e marchala.

Conheces já, com todos os promenores, leitor amigo, a historia d'esta revolução singularissima, que constitue um phenomeno unico na nossa historia moderna.

N'uma bella noite, calida e estrellada, como devem de ser as noites dos Balkans, o principe Alexandre sae dos seus penates, onde se aborrecia pyramidalmente, segundo todas as presumpções, e atirando com a gravidade de soberano por cima dos moinhos, entretem-se a fazer amor até fóra de horas. Pelo menos, assim o affirmam os chronistas, e nós inclinamo-nos a acreditar-o, porque emfim, a carne é fragil e o ser principe não quer dizer que se seja para ahi um casto José do Egypto.

Saciado de caricias, Alexandre de Battenberg recolhe alta madrugada á regia alcova solitaria, e prepara-se para fazer a mais tranquilla das somnecas, entre os alvos lençoes immaculados.

N'este comenos ouvem-se passos. São os conspiradores que chegam, forçando a *consigne*. A porta da alcova abre-se com estrepito. A' luz brilhante da lamparina, divisa-se a catadura feroz de Zankoff,—cabeça e alma da conspiração,—e a barba veneranda do bispo de Sofia, primaz da Bulgaria—um santinho!—que procura ganhar o ceu tomando parte em *complots* pelo pino das tres da madrugada, a hora de cantar matinas.

E' o primeiro acto da comedia.

Lá fóra, a comparsaria, representada por varios cadetes da guarnição, cerca o palacio principesco, guardando cautellosamente as entradas.

Zankoff e os seus acolytos intimam o principe a demittir-se. Alexandre veste as ceroulas, e não protesta. O bom do bispo empraza-o ao abandonar o paiz. S. Alteza calça as botas n'um prompto, e não tuge nem mugge. Em seguida, é conduzido, de cabeça descoberta, á fronteira russa, por não lhe darem tempo de procurar o chapéu. Ali, toma um bilhete de caminho de ferro, accende um charuto muito tranquillamente, parte a visitar a familia, e põe entre si e os seus vassallos uns poucos de mil kilometros de distancia, sem soltar uma praga, sem sequer ir dar parte do que lhe succedera ao Antunes e ao Ferreira da policia balkanica.

N'este entrementes, os conspiradores levam o povo de Sofia ao palacio da legação russa, fazem uma proclamação, botam falla ás massas e constituem um governo que decreta em dictadura as medidas mais extraordinarias, *tal qualmente* como o nosso.

Mas, ó instabilidade das coisas mundanas! Passados dois ou tres dias, quando tudo parecia indicar-nos que a obra d'esta revolução theatral iria por diante, o clero, a nobreza e o povo bulgaros accordam em affirmar que não houvera motivo algum para depôr o soberano auzente e que não valia a pena ter constituido o novo governo. O poder provisorio dissolve-se, as coisas voltam ao primitivo estado, chama-se o principe, o principe vem, ha luminarias, foguetes, repiques de sinos, peixe frito ás massas, muito vivorio, Alexandre entra em Sofia, como Carlos entrára em Barcelona, toca a musica e cae o panno.

Uma nota das agencias telegraphicas, que é um cumulo de *reportage*, e que deve ter feito rejubilar as la-

vadeiras da Bulgaria:—o primeiro cuidado de S. A. quando entrou em Sofia, foi mudar de roupas brancas.

Postas as coisas n'este pé, e restituído triumphalmente o principe aos seus dominios, pergunta-se agora o que farão a Allemanha, a Russia, a Austria, a Inglaterra, mr. de Giers, Bismarck, e o grão-turco.

E' claro que não fazem senão rir, como bons philosophos. Pois que mais? Foi exactamente para isso que elles, todos juntos, ensaiaram aquella farça, em que a Russia fez de tyranno, o principe Alexandre de galã de ponta de scena, a Bulgaria de ingenua enamorada e a Inglaterra de pae nobre.

Que demonio! Deixal-os lá divertirem-se, os pobres dos chancelleres. Nem sempre a gravidade mazomba da diplomacia, que fatiga e que aborrece. E' preciso, de quando em quando, que suas excellencias illustrissimas tenham um regabofe, que se distraiam dos enfados da politica com as facecias d'um entremez grotesco.

Tambem nós vamos, no dia 9, gozar as delicias de um regabofesinho decretado pela Constituição:—o juramento da regencia perante as Camaras reunidas.

Ao que parece, pensou-se em suprimir do programma dos espectaculos politicos esta velharia da jura do regente no seio da representação nacional, com acompanhamento de hymnos festivos.

Verdade, verdade, a supressão seria rasoavel e representaria um acto de coherencia. Juramento para que? Se a dictadura, que ahi tem medrado, á sombra da indifferença popular, é uma illegalidade, se negam ás côrtes o direito de fabricar leis, porque as não dispensam, tambem, de escutar as palavras do principe irresponsavel? S. Alteza não seria incommodado no remanso da sua lua de mel, os srs. deputados não teriam que desdobrar as suas casacas cuidadosamente polvilhadas de camphora, e o governo evitaria, talvez, os raios da colera opposicionista, que, segundo consta, hão de ser implacaveis e fulminantes, a menos que algum anjo da guarda se não metta de permeio.

E já que fallamos de principes, ahi vae uma noticia:—o sr. D. Miguel de Bragança enviou carta affectuosa ao sr. conde da Azambuja, participando-lhe que não renuncia aos seus direitos e que está satisfeitissimo com a sua prole, por esta fazer prodigios de equitação n'um cavallo em pello.

Nós estamos d'aqui a ver o sr. Pinto Coelho a barbar-se d'alegria, pela resolução firme do seu rei e senhor, e pela gracinha dos pequenos!

Emquanto o sr. D. Miguel escreve epistolas, S. A. o duque de Bragança decora as formulas do proximo juramento, e o principe da Bulgaria abraça commovido os seus fieis vassallos, Lisboa continúa a lavar-se—incluindo o governo—e toma aguas nas horas vagas, para imprimir vigor ao estomago enfermo.

Isto, pelo que respeita ao tratamento do corpo. A medicina da alma encarregou-se Sua Eminencia o Cardeal Patriarcha de ministrar-lh'a, mandando aos parochos das freguezias que substituam as orações rezadas no fim da missa, por outras que começam assim:

»Deus refugium nostrum et virtus, populum ad te clamantem propitius respice, etc.»

A quem recitar estas orações de camaradagem com o bom do sacerdote, concede o Padre Santo 300 dias de indulgencias.

Vou já resal-as na minha freguezia, com o reverendo Luiz José Dias, enquanto o Colyseio não reabre.

C. D.

## A ILHA GRACIOSA

## III

Teve dois concelhos outr'ora a ilha Graciosa, o de Santa Cruz e o da Praia. Foi este supprimido em 1867.

As freguezias são quatro: Santa Cruz, Guadalupe, Luz e S. Matheus (Praia).

Santa Cruz é uma bonita villa, cujo porto está longe de ser o melhor da ilha, e por isso também, apesar de ser a capital, não é alli que fundeiam os vapores da companhia. O resto da freguezia compõe-se dos logares de Barro-Vermelho, do Bom Jesus, das Dôres, da Victoria, dos Funchaes, Caminho das Figueiras, Ribeirinha e Jorge Gomes, Fontes e Quitadouro. Esta freguezia é extremamente pittoresca por causa dos montes que n'ella abundam, como são a serra do Facho, assim chamada porque d'antes havia alli um homem pago pelo governo, que tinha o encargo de fazer signal aos navios que se avistavam no mar alto. Era a idéa primordial dos pharoes, mas, como se vê, ainda muito rudimentar; o pico do Jardim, d'onde se gosa uma lindissima vista, e emfim a serra da Ajuda, d'onde se vê o quadro pittoresco da Graciosa com os seus montes verdejantes e d'onde se divisam também algumas outras ilhas do archipelago.

A Guadalupe é uma freguezia com uns 815 fogos e 2:635 habitantes di-tribuidos pelos logares da sêde da freguezia e do Pontal, do Tanque, do Pé da Ladeira, e da Ribeirinha.

A freguezia da Luz, com os seus 513 fogos e os seus 1793 habitantes, é, agricolamente, a mais rica da ilha. Possui as povoações da Fajã, Limeira, Sul Grande e Coutinho, as aguas thermaes do Carapacho, o porto da Folga com um excellente caes de desembarque, e finalmente o sitio denominado Pedras Brancas, onde se encontram uns poucos de monolithos gigantes e enfileirados.

A antiga villa da Praia é muitissimo pittoresca, e na sua freguezia se encontram as maiores curiosidades da ilha. Ficam de frente da villa os dois ilheus que El-Rei D. Manuel concedeu em 1519 a Mendes Furtado de Mendonça. E' na freguezia que se encontra a famosa caldeira da Praia, de que já vamos fallar mais detidamente. A população da freguezia está espalhada pelos logares do Pinheiro, Portella, Nevoeiro, Lagos, etc, etc.

Estas quatro freguezias teem ao todo uma população de 8:412 habitantes, divididos por 2:539 fogos, povoação ainda assim excessiva, porque a area da Graciosa é apenas de sete leguas quadradas. E' hoje muito menor do que já foi, porque em 1822 contava 11:436 habitantes. A emigração é que tem produzido uma indispensavel sangria.

A ilha está cultivada esmeradamente e produz com abundancia vinho, cereaes e fructas. A industria é pequena. Como porém o governo tem cuidado com desvelo dos melhoramentos publicos n'esta ilha, de fórma que a sua rede de estradas se acha, a bem dizer, completa, tem tido a Graciosa o maximo desenvolvimento possivel.

O que torna porém a Graciosa sobretudo notavel são as suas curiosidades naturaes, devidas á constituição extremamente volcanica da ilha.

A caldeira da Praia é descripta da seguinte forma pelo sr. Canto Moniz, quando trata da freguezia da Praia.

«E' n'este logar que existe a curiosa *furna de enxofre*, phenomeno geologico digno de ser visitado, cujo exame bem demonstra a importante manifestação volcanica que ha seculos teve logar n'esta ilha, apesar das suas pequenas dimensões. A contemplação d'aquella vasta caldeira é um espectáculo sobremodo imponente. Um circo immenso rodeado de rochedos negros de diversas formas, alguns declives formadas de lava e escoria volcanica, no fundo um extenso valle com um lago de que se servem as lavadeiras dos arredores; por entre as aberturas da rocha basaltica e trachytua, dividida em prismas verticaes, brotando viçosos fetos e varias especies de hepaticas para modificarem algum tanto a aridez d'este logar; os flancos da caldeira apresentando um aspecto muito singular, tudo isso desperta uma profunda impressão no espirito do visitante.

Imagine-se uma grande ellipse com 3 kilometros de diametro no sentido do grande eixo, e 2 no do pequeno eixo.

Caminhando para o lado sul, vamos encontrar no fim d'esta ampla bacia a curiosa furna onde existem duas cavidades ou aberturas, semelhando um abysmo, cuja entrada é dividida em duas partes desiguaes, dando uma d'ellas ingresso á maravilhosa *furna do enxofre*.

Para effectuar a descida, são porém necessarias duas cordas presas a umas estacas que se collocam no rebordo superior d'esta abertura. O visitante, segurando-se a uma, e preso por debaixo dos braços na outra, vae descendo em posição horisontal, formando angulo recto com o rochedo, e os quaes com todo o cuidado vão arriando lentamente a segunda corda, repetindo-se o mesmo simples processo na subida. Mede esta profundidade cerca de 90 metros. Inspira tal pavor a simples vista d'este enorme abysmo, que é indispensavel revestir-se o homem de não vulgar coragem para emprender tal descensão.

Chegando ao fundo encontra-se um grande lago, e em cima uma abobada, cujo arco mede cerca de 40 metros, com suas stalactites. Tem esta cavidade 180 metros na sua maior largura e 120 em toda a extensão.

Logo no principio da entrada observa-se ao lado esquerdo uma pequena cavidade, d'onde constantemente sae um pronunciado cheiro de enxofre, apesar de se conhecer a sua qualidade de agua doce, que alli dorme eternamente tranquilla.

Pombas bravas esvoaçam, e fogem ao visitante que lhes vem perturbar o socego, invadindo-lhes os dominios.

Por vezes e com certo vento é impossivel percorrer as bordas do lago, por causa do gaz mephitico que ali se accumula, e pela quantidade de acido carbonico e de hydrogenio sulphurado que se desprende da fenda existente logo á entrada da furna.»

Não é esta, comtudo, a unica furna d'esta curiosissima zona volcanica.

Ha ainda a furna da *labarda*, do *gato*, antro afunilado e estreito, *furada*, que é um verdadeiro arco, dos *bolos*, onde se cria um musgo que se emprega nos colxões, do *annel*, do *linheiro*, de *Manuel d'Avila*, uma caverna baixa, do *Luiz*, um verdadeiro salão, da *lembradeira*, do *queimado*, do *cardo*, que faz lembrar um presepe, do *cão*, do *canto*, da *visinha*, do *Calcinhas*, do *soldado* ou *furna verm lha*, um grupo de quatro intitulado a *Canada das furnas*, entre as quaes ha duas com agua nativa, que se chamam uma *de lavar*, e outra *de beber*, e finalmente a famosa furna do Castello ou da *Maria Encantada*, com a qual se ligam tradições populares a que o sr. Canto Moniz allude, mas que infelizmente não nos conta.

Pois é impossivel que ficasse inerte a imaginação popular perante esse espectáculo verdadeiramente maravilhoso das furnas volcanicas d'onde se exhala o cheiro satanico do enxofre, e onde ao mesmo tempo brota a agua limpida e pura, e onde entre os vapores do acido carbonico esvoaçam candidas pombas.

A acção volcanica deve também a Graciosa as suas excellentes aguas thermaes do Carapacho, cujas propriedades são tão elogiadas pelo sabio viajante francez, Fouqué.

Este sabio auctor de uma *Viagem geologica aos Açores* foi levado a visitar a Graciosa pela noticia da aparição de um volcão submarino proximo d'essa ilha.

Effectivamente no dia 1 de junho de 1867 haviam-se sentido de repente, no mar proximo da ilha Graciosa, uma serie de detonações semelhantes a tiros de artilharia. Depois a agua do mar tomou uma côr mais escura, viu-se erguerem-se columnas de vapor e a agua a ferver em cachão.

Era um espectáculo horrificamente bello o d'essa medonha convulsão da natureza. Via-se sahirem do mar enormes columnas de fumo denso, depois columnas de vapor de agua branca de neve, e jactos de agua e pedras vomitadas pela cratera submarina. A' tona d'agua boiavam uma grande quantidade de peixes mortos.

O sr. Alfonso Nogueira Soares, então director das obras publicas no districto de Angra, que foi vér de perto o phenomeno, descreve-o da seguinte maneira:

«N'uma linha de mais de 2 milhas em direcção approximada de L. O. surgiam com impetuosidade, a bastante distancia entre si, seis enormes columnas de vapor, que a uma certa altura acima da superficie do mar cediam á pressão do vento, e deslisavam na athmosphera seguindo a sua direcção como fumo branco e espesso. No pé d'uma das maiores columnas via-se continuamente projectarem-se a alguns metros acima da superficie do mar, caindo immediatamente grandes e numerosas flocos negros. Este terrivel jogo da natureza era acompanhado de repetidas detonações semelhantes ás da artilharia.

«Na extremidade a O. de que estavamos mais approximados e em que as explosões de vapor e gases não eram continuadas, pareceu-nos, pelo murmurio e rolo do mar, semelhante ao que faz sobre as restingas, e pela côr diferente que a agua tinha, que a accumulção das dejecções volcanicas estava ali perto da superficie do mar.»

No fim de oito dias desapareceu o volcão com a mesma subitaneidade com que apparecera. De um momento para o outro recuperou a agua a sua côr natural, cessaram as detonações, e o mar voltou a relar as suas ondas sobre o volcão apagado.

\*

Eis o que é a ilha Graciosa, tal como a descreve no seu interessante livro o sr. Antonio Borges do Canto Moniz. Não o analysamos nem o resumimos, e fizemos com este livro o que se faz nas *Revistas* lá de fóra com os livros que se vão publicando—toma-se-lhes o *double extract* e serve-se aos leitores.

O mesmo faremos com todas as monographias que fôrem apparecendo, se este bom exemplo tiver imitadores. E' com as historias particulares que se congregam elementos para a historia geral do paiz. Dar-nos-hemos ao trabalho de colligirmos, para uso e proveito dos nossos leitores, esses valiosos documentos.

## VERSOS DE MADAME LA VALLIÈRE

Tout se détruit, tout passe, et le cœur le plus tendre  
Ne peut d'un même objet se contenter toujours;  
Le passé n'a point eu d'éternelles amours,  
Et les siècles futurs n'en doivent point attendre.

La constance a des lois qu'on ne veut point entendre,  
Des désirs d'un grand roi rien n'arrête le cours:  
Ce qui plait aujourd'hui déplaît en peu de jours;  
Son inégalité ne se saurait comprendre.

Louis, tous ces défauts font tort à vos vertus:  
Vous m'aimiez autrefois, et vous ne m'aimez plus.  
Mes sentiments, hélas, différent bien des vôtres!

Amour, à qui je dois mon mal et mon bien,  
Que ne lui donniez-vous un cœur comme le mien,  
Ou que n'avez-vous fait le mien comme les autres.

## A SOCIEDADE DE S. PETERSBURGO

## XI CARTA

## A imperatriz da Russia

A imperatriz Maria Féodorovna não exerce em seu marido, nem nos negocios politicos da Russia, a influencia que se imagina; ignora a causa. A imperatriz não deseja obtel-a, nem possui nenhuma das faculdades necessarias a uma estadista.

Collocada a distancia pelo imperador, que não lhe confia nada do que diz respeito à mar:ha do governo, a imperatriz não tentou adquirir os conhecimentos que lhe faltam, e encerrou-se restrictamente no seu papel de mãe de familia e de mulher de sociedade. A toilette e a dança constituem as suas duas paixões; a imperatriz entrega-se-lhes com um ardor, que lhe attraie algumas vezes uma suave exprobação da parte de seu augusto esposo.

Uma determinada fracção da sociedade, critica à imperatriz a sua paixão pela dança, que considera attentatoria do augusto prestigio da soberania. Muito alegre, divertindo-se com a vivacidade e a graça de uma menina, Maria Féodorovna adora os bailes, as festas, as distrações de toda a especie. A imperatriz gosa a vida com uma ingenuidade adoravel, o que, talvez, não a preserve de pensar nas pesadas responsabilidades que podem alcançal-a de um momento para o outro, nem no fardo de cuidados, inseparaveis do diadema imperial.

O que particularmente distingue a imperatriz e faz d'ella um ente à parte, é o soberano encanto que se exhala de toda a sua pessoa, encanto indisciplinavel, que penetra e fascina, e à seducção do qual ninguem pôde eximir-se.

A imperatriz não é regularmente bonita; mas os seus olhos possuem uma expressão tão doce, tão benevolá, o seu sorriso tem um não sei que de tão completamente irresistivel, toda a sua delicada pequena pessoa é tão graciosa, que nos surprehendemos a amal-a, antes de a ouvir fallar, e a adoral-a, antes de lhe ter dito duas palavras.

A imperatriz é uma *charmeresse*, no amplo sentido da palavra; ao vel-a, e mesmo depois de a haver deixado, medita-se no attractivo que a envolve, e esquece-se totalmente o que por ventura existe de superficial n'essa natureza.

Maria Féodorovna possui a rara felicidade de ser amada pelo seu dom de agradar; aquelles que se prostram diante da incomparavel graça da mulher, esquecem se de saudar a imperatriz.

Compararam-a a Maria Antonietta, o que é falso.

A filha da rainha Luisa, que, sem duvida, é uma grande Maria Thereza, nada tem de commum com a infeliz esposa de Luiz XVI, nem, sobre tudo, com os seus immensos defeitos. Não obstante ser frivola, a imperatriz não é leviana. Ignoro se poderia morrer com dignidade igual à da rainha de França, mas o que

De La Vallière resta-nos sobretudo um soneto escripto na hora dolorosa da separação definitiva, cujos versos estão ainda como que humedecidos de lagrimas. Se alguns teem a ingenuidade metrica de uma duqueza que não está habituada a cozer umas às outros as rimas de um soneto, n'outros o sentimento verdadeiro faz explosão, e presta às estrophes o colorido potente da paixão.

PINHEIRO CHAGAS.

Tudo o tempo destrõe. O coração mais terno  
E' voluvel no amor; caprichoso, inconstante.  
Não regista o passado um só amor eterno,  
Não verá o porvir um só eterno amante.

A constancia tem leis que o coração esquece.  
De um grande rei ninguem detem a phantasia:  
O que hoje o fascinou, amanhã aborrece.  
Ninguem pôde explicar como um rei se enfastia!

Tal é tua inconstancia, a sombra que em teu peito  
Macúla da virtude a pureza e o valor.  
O amor que te inspirei jaz em cinzas desfeito,  
Quão diverso do meu! que revive na dôr!

Amor, pois que feliz e infeliz me fizeste,  
Porque não déste ao rei, se elle tinha de amar,  
Um coração equal áquelle que me déste?  
Ou tivesses-me dado um coração vulgar.

ALBERTO PIMENTEL.

tenho a certeza é que não a imitará nunca nas deploraveis inconsequencias da sua vida privada. Abstendo-se de influenciar o imperador, a imperatriz empenha-se em occupar o primeiro logar nas suas affeições.

Maria Féodorovna é essencialmente feminina; caracterizam-a a bondade, a suavidade, a generosidade, e ao mesmo tempo certo desdem da logica, apanagio especial de um sem numero de filhas de Eva.

Ha tempo, affirmou-se que a imperatriz diligenciára proteger certas pessoas recommendadas á sua benevolencia. Não acredito este boato. Creio antes que elle foi adrede inventado para alguém se approximar do imperador, e fallar-lhe directamente de certos personagens. Maria Féodorovna não é capaz de prestar-se á menor intriga. Intercederá por qualquer pessoa, se essa pessoa souber fazer vibrar a bondade, que constitue o fundo do seu character, mas não se mostra de forma alguma empenhada em representar qualquer papel no imperio, protegendo uma designada pessoa. A sua unica fraqueza provém da facilidade com que se abandona ás pessoas que a divertem, e ás quaes perdôa, em attenção a esse merecimento, bastantes cousas imperdoaveis.

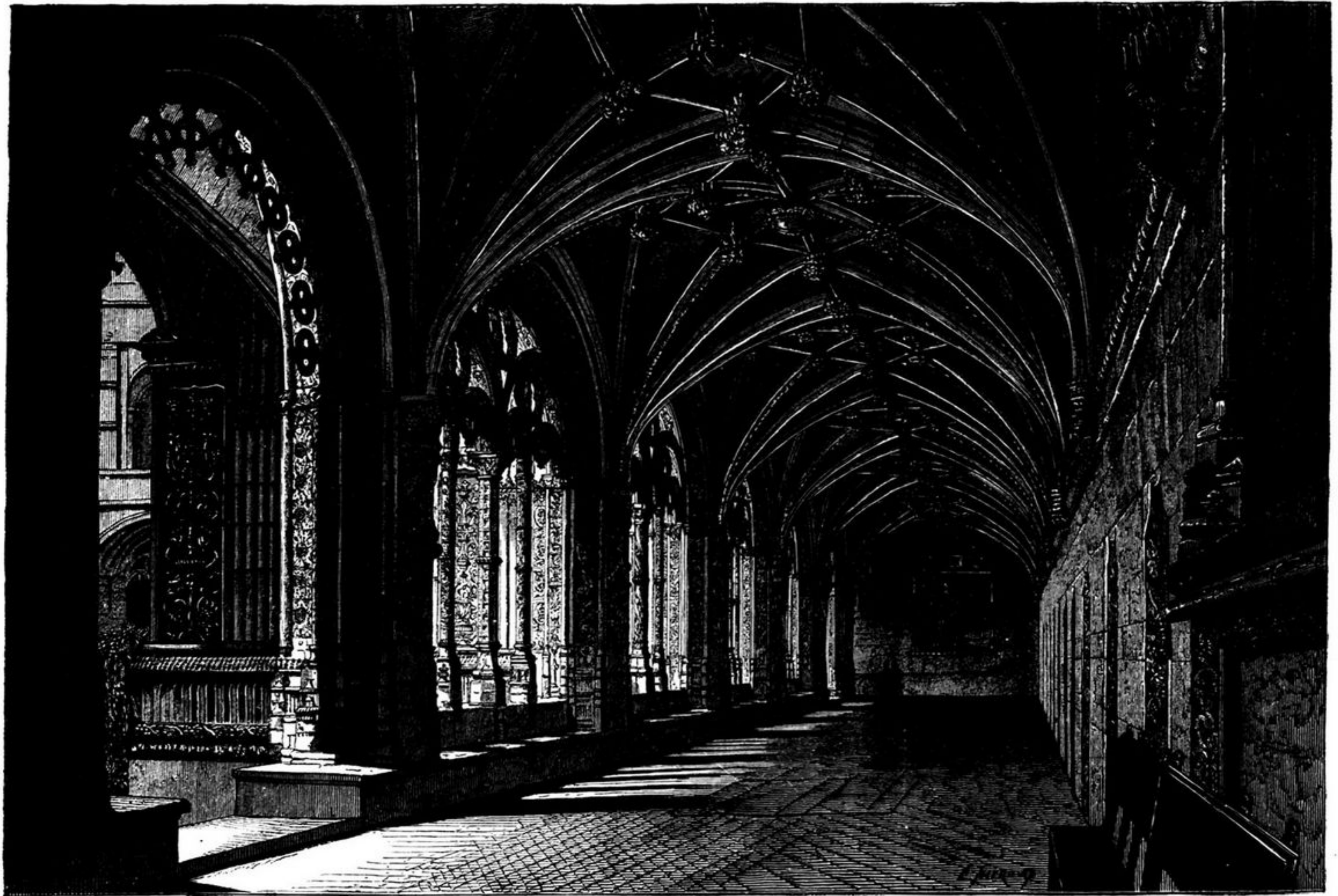
Tal é o facto que se dá com sua cunhada, a gran-duqueza Maria Pawlowna.

A despeito da sua qualidade de princeza dinamarqueza, a imperatriz nem por isso se mostrou disposta a favorecer os interesses do seu paiz. Ama ternamente a sua familia, e em especial sua irmã mais velha, a princeza de Galles; mas as suas affeições são de uma parenta, e não de uma soberana; a razão de Estado não exerce na imperatriz a mais leve influencia. Um dos seus mais caros votos é a desejada união entre seu filho mais velho e uma das suas sobrinhas; mas annuirá o imperador a deixar uma princeza ingleza assentar-se no throno dos seus antepassados?

Resumindo. Adora-se a imperatriz como um ente excepcional, dotado de uma graça irresistivel e de uma rara nobreza de coração, mas não se lheexija o que os russos designam pelas faculdades da Estadista. Maria Féodorovna julgou-se a si propria e soube orientar-se na vida, eis porque ninguem pode exprobar-lhe as intrigas em que certas soberanas se envolvem. Nunca desceu a machinações de ante camara; limita-se a ser o anjo do seu lar domestico, a protectora dos numerosos estabelecimentos de beneficencia, pelos quaes se interessa, na sua qualidade de mulher compassiva. Visita esses estabelecimentos, alegre com a sua presença aquelles que protege, e produz, onde quer que appareça, o effeito de um raio de sol em um céu sombrio. Nada tenho a dizer dos filhos imperiaes, que estão ainda na *nursery*, ou na sala de estudo.

O herdeiro do throno, não obstante ter chegado á maioridade, vive em uma grande reclusão. E' um rapaz baixo e fraco, assimilhando-se a sua mãe, e não tendo o menor ponto de contacto phisico com os Romanow. O imperador dedica-se muito á educação de seu filho, estimulado talvez pela lembrança da sua educação, outr'ora tão negligenciada.

Alexandre III e Maria Féodorovna amam ternamente seus filhos, e votam um ao outro uma sincera e effusiva affeição. A sua vida de familia é um modelo e poderia servir de exemplo a muitos *ménages* burguezes.



O CLAUSTRO DO CONVENTO DOS JERONYMOS, EM BELEM

Nada lhe falta: não raro, o marido dirige remoques á esposa, a proposito de uma cauda de vestido muito comprida ou de uma conta de costureira, muito elevada.

A imperatriz, como já disse, gosta de agradar e não se esquece de pedir á toilette o meio de o obter.

CONDE PAULO VASILI.

## OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 6 DO 3.º ANNO)

VI

### Era uma vez um Fonseca!

O nome do Fonseca adquiriu repentinamente uma importancia enorme com esse ruidoso triumpho eleitoral.

O ex-ministro, agora deputado seu, votou-lhe uma gratidão recohecida; o governo que elle affrontára com a sua poderosa influencia, que elle vencera com os seus contos de réis, ficou nutrido por elle um odio profundo e principiou a procurar vingarse da sua derrota.

A vingança porém não era facil.

O Fonseca não dependia nada dos poderes publicos, e portanto não tinha a arreceiar-se das furias do governo.

O seu unico calcanhar para o ministro eram uns pobres diabos empregados nas suas herdades lá do norte, com quem a comissão do recenseamento começou a bulir, forçando uns a assentar praça, outros a pagar grandes sommas de remissões atrasadas.

O dinheiro do Fonseca, porém, poude fazer face a essas vinganças pequeninas, os seus homens todos fôram livres do recrutamento a troco d'uns pares de moedas que não fizeram falta alguma na burra do seu patrão, e o Fonseca até ganhou com isso, em importancia politica.

O partido da opposição devia-lhe o seu deputado mais importante e ao mesmo tempo devia-lhe os sacrificios que essa eleição lhe custára.

Fonseca era não só uma alta influencia, como tambem uma victima politica.

A sua perseguição fazia uma aureola aos seus contos de réis, e apesar de nunca ter feito politica, de não estar filiado em partido algum, o partido agora fóra do poder dava-lhe uma alta consideração, consultava-o, ouvia-o em todas as questões importantes, como se elle fosse um dos seus mais importantes vultos.

Não ha bem que sempre dure, nem ministerio que se não acabe.

Durou uns tres annos esse ministerio que o Fonseca guereara nas eleições, e quando o rico proprietario da Lapa se preparava já para a lucta das novas eleições, o ministerio um bello dia deu a alma a Deus, a demissão ao Rei, e as pastas á opposição da vespera.

Chamado ao paço o chefe do partido opposicionista para constituir o gabinete, a primeira pessoa que procurou para combinar a formação do novo ministerio foi o deputado feito pelo Fonseca.

Começaram em combinações de quem havia d'entrar, e esse deputado, com uma gratidão insistente que não está muito na natureza humana, e muito menos ainda na natureza politica, declarou terminantemente que não entrava para o ministerio sem que fosse offerecida uma pasta ao Fonseca.

O novo presidente do conselho olhou-o estupefacto.

—Ao Fonseca! repetiu assombrado. Você está doido! Então que vida politica tem o Fonseca para ser ministro?

—Não tem nenhuma.

—Ah! então...

—Mas tenho-a eu...

—Quem o duvida?

—E se a tive n'estes ultimos tres annos, devo-a ao Fonseca, que me vez vencer a eleição e por isso, se elle não entrar para o ministerio, tambem eu não entro...

O chefe do novo gabinete discutiu, addusiu toda a qualidade d'argumentos, procurou todos os modos de convencer o amigo do Fonseca, mas este conservou-se inabalavel.

—Bom, visto isso, convide-se o Fonseca para uma pasta, transigiu finalmente o novo presidente do conselho, que não podia de fórma alguma prescindir da companhia do seu collega no poder, mas vae por sua conta.

—Perfeitamente, disse o outro triumphante, vamos procuralo a casa.

—A estas horas? disse o outro, vendo no relógio que já passava da meia noite.

—Não ha tempo a perder. Depois de tres annos de combates violentos, a opposição não deve ter delongas em apresentar ao chefe do estado e ao paiz, a lista dos seus homens de governo.

E mettendo-se n'um trem, seguiram para o palacio da Lapa. O Fonseca dormia já a somno solto.

N'essa noite não tivera visitas e desferrara-se das noitadas anteriores mettendo-se na cama ás 11 horas.

O presidente do conselho bateu á porta.

D'ali a muito tempo veio abrir estremunhado o guarda-portão.

—O sr. Fonseca? perguntou.

—Está recolhido já.

—Tenha a bondade de o mandar accordar...

—A estas horas? exclamou estupefacto o guarda-portão.

—Sim, é um negocio urgente, disse o deputado do Fonseca.

—Mas estão todos já deitados, ponderou o guarda-portão.

—Accordam-se, tornou desembaraçado aquelle que acabava de fazer do Fonseca ministro de estado, não querendo addiar a participação, mesmo porque tinha os seus receios de que, pensando mais sobre o caso, o presidente do conselho lhe roesse a corda.

—Bom, v. ex.<sup>a</sup> manda, disse conformado o guarda-portão; mas se o senhor Fonseca se zangar, tem a bondade de lhe dizer que v. ex.<sup>a</sup> foi que...

—Sim, sim, fica por minha conta.

O guarda-portão foi chamar o creado, as portas das salas abriram-se, e o Fonseca foi despertado do seu bello somno.

—Mas o que foi isto? o que aconteceu? é fogo? perguntou aterrado o Fonseca, sentando-se na cama e esfregando muito os olhos.

—Não senhor, respondeu-lhe o creado do quarto, são duas visitas que procuram v. ex.<sup>a</sup>.

—Visitas? A estas horas? O caso é novo!... E vocês deixaram-n'os entrar, e vieram accordar-me...

—Esses senhores disseram que era negocio urgente, que não podia esperar para amanhã, explicou o creado apresentando-lhe o fato para elle vestir.

—Mas quem são essas visitas?

—E' o sr. deputado Silveira.

—Silveira! A estas horas? repetiu o Fonseca abrindo muito os olhos...

E outro sujeito que eu não conheço, mas que o sr. Silveira disse que era o sr. administrador do concelho, parece.

—O administrador do concelho? repetiu atordoado o Fonseca. Então tratar-se-ha d'algum crime!

E vestindo-se á pressa, resmungava:

—O administrador do concelho! a estas horas? Que novidades teremos?

E depois de vestido, entrou por uma porta pequena que havia junto do seu leito, no quarto contiguo onde começavam os aposentos da governante.

Antonina, porém, dormia tão socegada, não tendo dado absolutamente nada pela bulha que se fizera, que elle não teve animo de a accordar.

—Nada, vamos primeiro ver o que me quer o Silveira e o tal administrador do concelho,—depois a accordarei, se fôr preciso. E encaminhou-se rapidamente para a sala.

—Oh! o sr. conselheiro Malaquias! disse o Fonseca admirado, ao ver a pessoa que acompanhava o Silveira. E apertando a mão a ambos, dizia:

—Mas que idéa foi aquella do pateta do meu criado de me dizer que era você, ó Silveira, e o sr. administrador do concelho?! Os dois riram-se.

—Administrador do concelho? perguntou o Silveira, elle disse-lhe isso? O sr. presidente do conselho foi o que eu lhe disse.

—Presidente do conselho? perguntou admirado o Fonseca, olhando para o conselheiro Malaquias e para o Silveira. O quê, o ministerio?...

—O ministerio pediu esta tarde a sua demissão, disse o Silveira.

—Dou graças a Deus! exclamou o Fonseca, vendo que essa demissão lhe mettia na algibeira um par de contos de réis que tinha já preparado para a eleição do Silveira.

—El-Rei acceitou a demissão, contou o conselheiro Malaquias, e dignou-se encarregar-me de organizar o novo ministerio.

—Muitos parabens, muitos parabens, disse o Fonseca attonito, quasi suffocado, porque começara a comprehender o que queria dizer aquella visita.

—E eu, na minha missão de presidente do novo conselho, venho convidar V. Ex.<sup>a</sup> a acceitar uma pasta no novo ministerio.

O Fonseca agarrou-se a um tremó para não cair no chão...

(Continúa)

GERVASIO LOBATO.

## O CURA

A pequena aldeia de Nossa Senhora das Neves, estendia-se preguiçosamente como uma gentil odalisca, na falda de um pittoresco monte ao fundo da provincia do Minho. Aqui e ali alveja-



GENTIL MULHER!

vam as casitas dos camponios, tão poeticas na sua singeleza. O edificio maior era a igreja, attestando na eloquencia do seu aspecto, a pobreza da junta de parochia. O presbyterio era tão despidido de commodidades como o proprio Christo eternamente exangue sobre o altar mór. O padre não tinha ama. Nada havia que perturbasse o silencio campestre d'aquella morada de paz; tambem nada havia que prendesse a attenção, exceptuando a vasta bibliotheca, que nem um bispo a possuiria mais atulhada de livros. E era de ver o olhar de respeito que os laponios lançavam para as lombadas fradesças dos cartapacios.

O cura era um homem ainda novo, em quem pareciam ter adormecido todas as paixões, para dar logar a uma imponente serenidade de gesto e falla; a um olhar investigador e doce ao mesmo tempo; a um sorriso bom, amavel e fino, que denotava o homem de sociedade retirado do mundo. Na sua frente de marmore não franzia uma ruga; no cabello d'ebano não entreluzia um só fio branco. E não obstante, a côr era doentia, tinha os tons de cera dos organismos depauperados. A voz fraca mas penetrante, meiga e singularmente pura. Se a sua figura elevada e magra impunha respeito e attrahia confiança, a voz, de uma harmonia poderosa, correndo com uma flexibilidade extraordinaria todos os tons da escala da palavra, prendia com um laço de ferro todas as pessoas que a ouviam.

Especialmente as mulheres sentiam-se embriagadas como por uma sensação espiritual, que as commovia até as lagrimas ou lhes fazia bater fortemente o coração, conforme o padre lhes fallava á beira do leito d'agonia, no confissionario ou no pulpito. As mulheres, sempre mais sensiveis e intelligentes do que os homens—tratando-se de sentimento, apesar da sua rudeza, compreendiam instinctivamente o cura, como mulheres e como mães.

Aquelle homem, bastante novo ainda, sempre tão pallido e meditabundo; aquelle talento extraordinario que ellas não sabiam avaliar mas que entreviam na facilidade com que resolvia todos os problemas mais difficeis sobre todos os ramos sociaes em que o consultavam; aquella voz que partia d'alma e parecia molhada em lagrimas; o amor entranhado que revelava por todas as pessoas victimas d'alguma fatalidade; tudo isto o rodeava de um certo mysterio. Accrescia a circumstancia do padre ser oriundo de Lisboa. Arrancara-se aos moles confortos da capital para se atirar ao pelago da pobreza e da obscuridade a mais impene-travel, no fundo de uma aldeia minhota!

Havia o que quer que fosse. A bisbilhotice feminina, porém, nunca pode decifrar aquelle enyigma de batina.

\* \* \*

Um dia correu n'aldeia uma noticia extraordinaria. O cura tinha desaparecido. A' noite, as velhas agitando furiosamente as rocas e os fusos, commentavam ao serão, o acontecimento, com grande vehemencia de estylo minhoto e uma profusão de tabaco, infundavel.

Embora fosse uma refinada pouca vergonha, abandonar assim a parochia, sem dizer: «agua vae», ninguem se atrevia a censural-o. Certamente o bom padre não se ausentara por muitos dias. E concertou-se em não participar o caso ao ouvidor ecclesiastico, seu immediato ascendente em hierarchia ecclesiastica. Passaram-se quinze dias e nem sombra de padre cura. Todavia, aos domingos, apparecia um padre, perfeitamente desconhecido n'aquellas redondezas, chegava ao presbyterio e chamando o mestre ferrador, que tinha de longa data na localidade o monopolio de sachristão, dizia missa e safava-se.

Estava tudo assombrado. O espanto, porém, cresceu, quando um dia de semana, pela manhã, appareceu a igreja aberta e o cura a dizer a sua missa á hora do costume. Correu a nova com a rapidez do raio e logo se encheu a trasbordar o pequeno templo. O padre, sereno e pallido como sempre, atravessou da capella-mór para a sachristia, sem fixar os olhos em ninguem. D'ali a pouco o sachristão fechou a igreja.

Entrou-se depois na vida normal e já se ia esquecendo a *sor-tida* do cura, quando uma bella noite a curiosidade publica foi abalada até aos alicerces por um extraordinario acontecimento. Um tropel de cavallos fazia um barulho descommunal na calçada da unica rua larga da aldeia. Os habitantes assomavam assustados ás janellas e viam com surpresa uma estranha cavalgada de mais de vinte cavalleiros escoltando umas poucas de cadeirinhas doiradas, de um lavor riquissimo. Cada homem levava um archote acceso. No coice d'este original cortejo caminhavam muares carregadas com malas, etc.

Pararam os viajantes á porta do presbyterio. Poisando no chão as cadeirinhas, de dentro d'ellas saíram algumas mulheres, correndo todas a rodear uma cadeirinha onde vinha uma senhora idosa, quasi muribunda, que foi levada em braços para o interior do edificio.

O cura esperava esta visita singular, porque havia sido preparado um quarto para receber a enferma. Apenas esta se viu installada, pediu para ficar a sós com o padre e as primeiras palavras que soltou fóram as seguintes:

—Fecha aquella porta.

O cura fechou a porta do quarto. Então a doente, com a voz

intercortada pela dyspnea, fitando o olhar amortecido no cura, disse:

—Chega-te para junto de mim... se te não metto horror...

—Oh! senhora marquezal exclamou o cura n'um impeto que contrastava singularmente com a sua habitual serenidade.

—Senhora marqueza... repetiu a doente com um sorriso doloroso, fitando o olhar n'um magnifico crucifixo que estava n'uma mesa fronteira ao leito. E duas lagrimas correram-lhe pelas faces cavadas.

O padre contemplava-a em silencio. A marqueza devia ter sido uma mulher bella; a doença, porém, aniquilára quasi todos os vestigios da sua mocidade, deixando-lhe só a fina distincção de raça. Devia ser pessoa opulenta, a avaliar pela notavel riqueza da roupa e mobilia que enchia o quarto e que tinha sido enviada por ella dias antes.

—Vou morrer, disse a marqueza, e quiz, antes de partir... obter o teu perdão.

—O meu perdão! exclamou o cura surprehendido.

—Sim, continuou a enferma, o teu perdão, alma generosa e grande, que não sabes toda a extensão do mal que te fiz.

—A senhora! que foi sempre a minha bemfeitora!

—Ouve. A morte aproxima-se. Vou comparecer diante do juiz supremo. Acabaram-se todas as considerações da terra. Sou uma miseravel mulher que expia todos os seus erros e paixões aos pés do confessor com a esperanza no perdão, mas o meu perdão é d'aquelles que só Deus ou tu o podem dispensar. Parece-me que baixando á campa com o teu perdão, obterei o de Deus igualmente. Por isso é que me fiz transportar aqui, moribunda, supplicante, mordida pela temerosa culpa da minha consciencia, que tem sido o meu verdugo, o meu tormento inquisitorial ha trinta e cinco annos; dia a dia, noite a noite, hora a hora, implacavelmente!

O cura, ante esta explosão de dor, aproximou-se da marqueza e pegou-lhe nas tremulas mãos.

—Socegue, disse elle com a sua voz inimitavel. Na igreja ha perdão para todas as culpas.

A enferma pareceu serenar um pouco e agarrando-lhe nas mãos e fitando-o, disse-lhe de repente:

—Que darias a quem te revelasse o segredo do teu nascimento?

O cura fez-se pallido como um cadaver e perguntou-lhe com a voz alterada:

—Sabe?...

—E' essa a minha confissão...

—Não comprehendo...

—Vou revelar-te tudo e lembra-te de que é uma moribunda quem falla. Em nome do Christo que nos ouve, promette-me que me hasde perdoar, por mais que te custe...

Então o cura exclamou solemnemente:

—Em nome de Deus e da igreja, não posso ter odio a ninguem.

A marqueza, mais morta do que viva, proseguiu.

—Como sabes, eu não herdaria a fortuna de meu irmão, o marquez de\*\*\*, e por concomitancia o seu titulo, se elle tivesse deixado descendentes. O marquez teve, de uma menina pobre e obscura com quem viveu sempre amancebado, um filho natural, que perfilhou. Isso não me convinha e eu fiz desaparecer essa creança, fazendo correr o boato de que tinha sido devorada pelos lobos, e para esse fim comprei a ama que a tinha a criar e que foi, perante as auctoridades, depor n'este sentido. Foi tão grande o desgosto que meu irmão soffreu com esta supposta perda do seu unico filho, que veio a morrer poucos annos depois, presa de uma grande misanthropia. A unica herdeira dos seus immensos haveres, era eu, e assim que casei com um conselheiro d'estado, obtive facilmente da corôa o titulo de meu irmão. Todas as riquezas, porém, que tenho gosado até aqui, e que por minha morte devem passar aos meus filhos, pertenciam a essa creança que é hoje um homem pobre e obscuro, pelo qual a sociedade passa desdenhosa, quando elle podia occupar uma alta posição na sociedade. Ainda ha mais; roubei a essa creança as caricias maternas, porque não me convinha que a mãe soubesse que elle existia. Essa mãe infeliz é hoje uma senhora de cabellos brancos e julga-se só no mundo.

Quando a marqueza acabou de fallar, o cura caiu de joelhos ante o crucifixo e levantou para a imagem do martyr do Golphtha o seu rosto molhado de lagrimas. Orava.

Quando acabou, o cura ergueu-se e aproximando-se do leito, sem o menor azedume, fez a seguinte pergunta:

—Sou então o verdadeiro marquez de\*\*\*?...

A marqueza fez com os olhos um signal d'assentimento.

O padre estendeu solemnemente a sua mão direita sobre a cabeça da moribunda e disse com a voz commovida:

—Em nome de Deus e da memoria de meu pae, perdo-te.

A marqueza apoderou-se-lhe da mão, cobrindo-lh'a de beijos. Soluçava.

Agora, diga-me, accrescentou o cura, onde está minha mãe?

A enferma olhou para elle com inquietação.

O padre costumado a ler no fundo do coração humano, comprehendeu-a, porque atalhou logo com suprema dignidade:

—O herdeiro do marquez \*\*\* morreu; não pôde recusitar.



Só resta a cura da freguezia das Neves. A senhora... de alguma maneira remiu a sua falta, mandando-me educar... para padre. Em quanto a minha mãe...

—Tua mãe teve sempre um lugar em minha casa...

—Na qualidade de...?

—De minha governante.

—Infame!... exclamou o cura com os punhos crispados e cambaleando como um ebrio; mas voltando repentinamente a si, accrescentou, voltado humildemente para o crucifixo: perdão, meu Deus, mas isto é superior ás forças humanas!

E virando-se para a marquezia, recuou um passo, aterrado. A desgraçada creatura estava morta, lívida, medonha, com a expressão do maior espanto na physionomia, a bocca escancarada, os olhos quasi saindo das orbitas.

A inesperada exclamação do padre provocara-lhe um ataque, que a suffocara mortalmente.

O cura correu então á porta do quarto e abrindo-a, chamou por soccorro. Acudiram o medico, os filhos e os creados da marquezia.

Quando o doutor, verificado o obito, se voltou para fazer uma pergunta ao padre, viu com surpresa que havia desaparecido. Procurado por toda a parte, não foi encontrado. Nunca mais se soube d'elle.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

## AS NOSSAS GRAVURAS

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL

Somos, talvez, os ultimos a fallar d'este morto illustre, mas o facto de virmos tarde, não significa que os ultimos fossemos a sentir o passamento do notavel diplomata, do famoso jornalista, do grande poeta, do laureado dramaturgo, do cavalheiro estimavel e dignissimo.

E'-nos todavia defeso, pela estreiteza do espaço de que dispomos, dizer tudo quanto á memoria de Mendes Leal se deve. Limitar-nos-hemos, portanto, a registrar a sua morte em quatro palavras sentidas, já que da sua vida accidentada e brilhante não podemos fallar com largueza.

Mendes Leal morreu em Cintra e morreu cantando, como poeta que era, nos braços da esposa idolatrada, apertando entre as suas as mãos de amigos dedicados e amantissimos.

Morreu rodeado de affectos, como tinha vivido sempre, e não deixou um odio, uma simples malquerença a pairar-lhe sobre a sepultura onde repousa.

Tendo nascido pobre, obscuro, humilde, chegou ao fastigio da gloria, attingio as mais levantadas eminencias sociaes, mercê do seu trabalho incessante e honesto, do seu talento brilhante e privilegiado. Tendo começado a vida publica por escrever para o theatro, acabou-a na diplomacia, depois de ter sido ministro da corôa e de ter provado os seus extraordinarios meritos como estadista insigne.

Só um verdadeiro genio pode subir tão alto, nascendo, como elle nascera, em berço tão humilde e pobre.

Mendes Leal deixa de si uma memoria immorredoura e honrada, um nome glorioso esculpido em letras de ouro nos seus romances, nas suas obras theatraes de incontestavel valia, nos seus versos cheios de inspiração e de sonoridade, em que se sobrelevam as estrophes gigantes do *Abdel-Kader*, do *Ave Cezar* do *Pavilhão Negro* e do *Napoleão no Kremlin*.

### O CLAUSTRO DO CONVENTO DOS JERONYMOS EM BELEM

Entre os nossos melhores productos artisticos sobrelevam-se dois exemplares famosos: o templo ogival da Batalha e o manuelino de Belem.

Estudar e descrever estes monumentos, definir os seus estylos, historiar a sua construcção, seria iudubitavelmente trabalho interessantissimo e de valiosos resultados, mas a exiguidade do nosso semanario não comporta taes descripções e taes narrativas. Limitar-nos-hemos pois a acompanhar de rapida descripção a gravura, que representa um dos porticos do claustro de Belem.

O claustro, embora não possa comparar-se, em belleza, com o admiravel claustro do mosteiro da Batalha, é, todavia, um exemplar architectonico de grande valor e subido merecimento. Os seus quatro extensos e bellos porticos fecham um vasto quadrado de terreno, hoje ajardinado, e outr'ora occupado por um grande lago.

Tem o claustro dois pavimentos: o terreo, do qual a gravura representa um dos porticos, e o superior, notavel pela elegancia da sua abobada accentuadamente ogival e recamada de nervuras.

Cada um dos porticos inferiores abre sobre o jardim por seis bellos arcos, dos quaes os dois extremos são rasgados até ao pavimento, e os quatro restantes divididos cada um por tres paineis.

A abobada dos porticos, ricamente artezoadá e em ogiva abateda, é elegantissima, e contribue principalmente para a profunda impressão de belleza que se experimenta ao transpor o liminar da porta que dá ingresso para o claustro. No portico fronteiro a essa entrada, que é exactamente o representado na gravura, deve notar-se a magnifica ornamentação, em baixo relevo, dos cinco pilares das arcadas.

As paredes interiores, fronteiras ás arcadas, são lisas, tendo apenas uma cinta d'arabescos na altura das misulas, d'onde partem, divergentes, os feixes das nervuras que dividem os paineis da abobada.

GENTIL MULHER!

E' devéras gentil aquella figura de mulher! tão gentil e tão elegantemente ataviada, que se fossem assim as pastoras dos campos, por muito naturaes e justificados deveriamos ter esses amores de reis e fidalgos, que ellas souberam captivar e render aos seus encantos, em tempos que já lá vão, segundo resam velhas historias. Esta, porém, não pensa em avassallar reis nem em vér cair submissos a seus pés nobres e poderosos senhores, apesar das tendencias democraticas d'esta epocha que vamos atravessando. No entretanto, não é só nas suas ovelhas que ella pensa, não são só para ellas os seus cuidados e desvelos.

Não foi de certo para lhes levar de beber que ella solton ao vento os seus formosos cabellos, poz na cabeça aquelle chapeo de palha e aquelles laços, e concertou as prégas do alvo lenço de cambraia com a garridice de quem sabe que, em certos casos, tão má é a demasiada avareza como a excessiva liberalidade.

Para que foi, então?... E' esse o seu segredo. Talvez que um rapagão da mesma aldéa, alto, robusto e musculoso, de tez crestada pelo sol dos campos, de cabellos e olhos negros que se innundam de luz ao vér a gentil camponeza, nol-o soubesse explicar.

ABRIGANDO-SE DA CHUVA

Tinham ido, caminhos fóra, levar o caldo e a brôa ao pae, que moirejava com a enxada na mão, amanhando os terrenos da herdade distante.

A' volta, pelo cair da tarde, o ceu começou a escurecer, a tingir-se de negro, quasi que senão via um palmo diante dos olhos. De repente, desaba lá de cima um aguaceiro rijo, o vento estruge, os trovões ribombam, os relampagos fusilam.

Tremendo de pavor, os dois pequenos e o seu companheiro —o *Tigre*—não menos medroso que elles—um poltrão!—correm a acocorar-se, cosidos uns com os outros, no local onde os vemos, ao abrigo d'aquella cruz protectora, erguida á beira da estrada.

Chuva, não apanharão elles muita, porque os cobre a umbrella paterna, mas fartam-se de apanhar um susto formidavel, que lhes ha de lembrar por largo tempo.

UM MAU ENCONTRO

Quem já foi alguma vez assaltado por um bandido, no cotovello de qualquer estrada solitaria, pode ajuizar do espanto e do terror que se apossaram d'aquelles pobres animaes, ao darem de focinhos com uma negra ave de rapina prestes a accomettel-os.

A gravura falla por si e não carece de mais largas explicações.

## TYRANNA

Que injustiças, mulher! Que louca tyrannia!

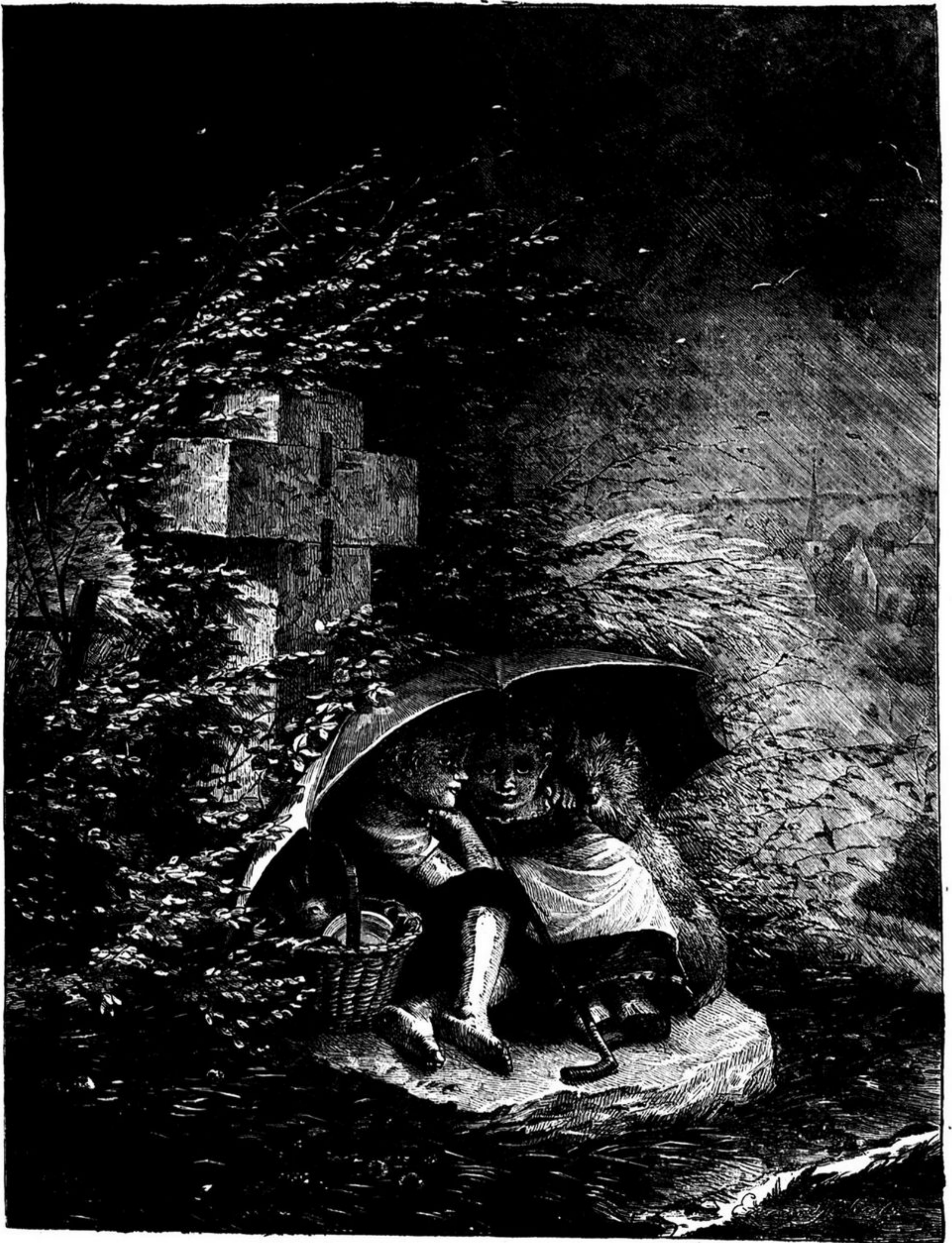
Não posso ver martyrios.  
Tu roubas, no jardim, a candida alegria  
Das rosas e dos lyrios.

Não tornes n'elle a entrar, porque ellas, coitaditas,  
Em face do teu rosto,  
São feias e têm dôr. Julgavam-se bonitas,  
E murcham de desgosto.

Tem compaixão, mulher. Que louca tyrannia!  
Não queiras ver martyrios.  
Não roubes ao jardim a candida alegria  
Das rosas e dos lyrios.

Castello Branco.

ROBINSON.



ABRIGANDO-SE DA CHUVA

# EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

## Charadas

NOVISSIMAS

Esta cidade é redonda e vem nos livros—2—2.  
Este instrumento incommoda nas aves—1—1.

Evora. A. B. VASQUES.

Aqui come-se esta ave—1—1.  
Aqui, esta serra é um animal—1—2.

Porto. A. J. DA SILVA MELLO.

Movendo-se, na musica, é bonita—3—1.

Covilhã. ANTONIO BRANCAL.

Aqui, este adverbio allumia esta embarcação indiana—1—1—1.  
Aqui, na musica e no Oceano, é um peixe—1—1—1.

Trancoso. ANTONIO BENTES.

## CHARADAS CONIMBRICENSES

(Retribuição ao distincto charadista, A. de Sousa Franco)

(Em dialogo)

Diz a vertical primeira:  
—Se um dia o caro leitor  
Encontrar, dar-lhe-hei a mão,  
Dizendo: *aperte* senhor!—

Diz segunda vertical  
(Não julguem ser brincadeira),  
—Se fôr senhora gentil,  
Fallarei d'esta *maneira*.—

Vem prim ira horisontal  
Dando um profundo suspiro,  
E diz:—se fôr cousa boa,  
N'um momento logo a *tiro*.—

A segunda horisontal  
Diz: — não queiram aturdir-me,  
Deixem-se estar socegados  
Eu no meu posto estou *firmel*.—

Vem primeira diagonal,  
E diz ser uma cidade;  
E eu mesmo vos affirmo  
Como ella falla verdade.

Vem segunda diagonal,  
Que não ganha por taluda,  
Examina e diz por fim:  
—Temos um *preto*? Caluda!—

Castello Branco. XAVIER RODRIGÃO.

Na primeira vertical  
Vê se *m'her* muito feia;  
Ao leitor eu a apresento:  
Fulana de tal *Correia*.

A segunda vertical,  
Eu vos digo com franqueza,  
E' um rio que se encontra  
Em a Guyana franceza.

Na primeira horisontal,  
Barco será encontrado,  
Que, segundo diz Lacerda,  
No Chincheo é muito usado.

A segunda horisontal,  
Com muita facilidade  
O charadista distingue  
Que significa vontade.

Na primeira diagonal,  
—Isto dito sem maldade—  
Sem haver muito trabalho,  
Encontra-se uma cidade.

Na segunda diagonal,  
(Não lhe pareça massada)  
Eu lhe affirmo que cidade.  
'Inda será encontrada.

MATHEUS JUNIOR.

## CHARADA DECAPITADA

O —disse que não—vestir uma casaca, porque se—pouco;  
quando precisa d'ella, pede ao—que lhe empreste—d'elle.

MATHEUS JUNIOR.

## CHARADAS ADDICIONADAS

(Por syllabas)

Não—ahi, amigo—, que podes ficar—.  
Ora tome—esta—para—o final da casa.

PETIT DIABLE.

## CHARADA—MAPPA

Ao charadista J. Vellozo (de Villa Nova de Famalicão)

9	9	JOGO
9	9	ANIMAL
AVE	VESTIDO	

VISCONDE DE GERGELIN.

## Logogriphe

9, 11, 12 — **N** — 10, 9, 12  
 12, 4, 7, 10, 9, 12 — **O** — 12, 6, 8, 7, 10, 12  
 12, 3, 4, 9, 6, 11, 12 — **M** — 12, 7, 10, 4, 9, 3, 12  
 4, 2, 10, 7, 6, 12 — **E** — 5, 4, 9, 10, 9, 12  
 10, 9, 10, 9, 12 — **S** — 10, 5, 10, 9, 12  
  
 8, 7, 3, 4, 12, 6, 12 — **D** — 12, 11, 5, 10, 9, 12  
 4, 12, 3, 9, 10, 10, 9, 12 — **E** — 12, 6, 6, 12, 10, 9, 12  
  
 6, 9, 6, 12 — **S** — 9, 3, 9, 12  
 1, 9, 10, 12, 3, 9, 12 — **E** — 12, 4, 12, 3, 9, 6, 12  
 12, 11, 3, 9, 12, 6, 12 — **N** — 12, 3, 4, 12, 6, 11, 12  
 12, 6, 6, 12 — **O** — 10, 9, 6, 12  
 12, 6, 8, 7, 10, 9, 6, 12 — **O** — 4, 12, 3, 9, 12, 6, 6, 12  
 1, 5, 3, 4, 9, 6, 9, 12 — **S** — 8, 5, 3, 4, 12, 6, 12  
 1, 2, 3, 8, 5, 4, 9, 3, 12 — **S** — 2, 3, 4, 7, 10, 9, 6, 11, 12  
 4, 12, 8, 11, 12, 10, 5, 6, 12 — **S** — 4, 12, 3, 8, 12, 3, 9, 11, 12

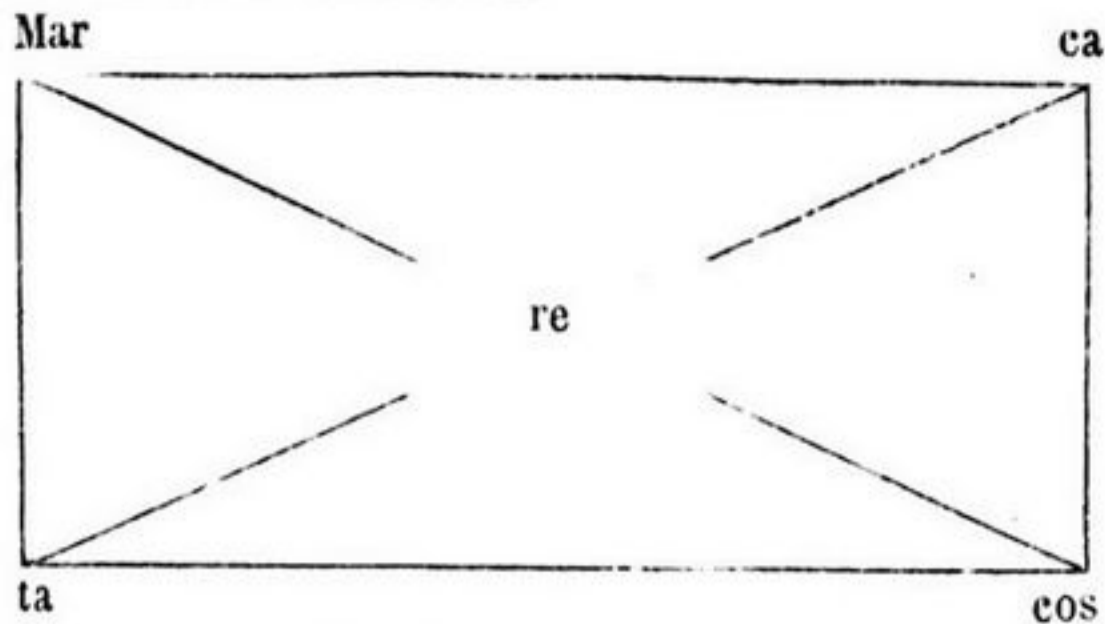
## NOME DE SENHORA

VISCONDE DE GERGELIN.

## Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Abafado—Dardo—Denodo—Ledo  
—Tedio—Termo—Canada—Perdiz.  
DA CHARADA EM VERSO:—Camarista.

DA CHARADA CONIMBRICENSE:



DO LOGOGRIPO:—Sortimento.

### Pequena correspondencia

DUARTE CID.—Venha, que será sempre bem vindo.

### Expediente

Decifrou a charada posta a premio no nosso penultimo numero, o sr. A. Dias de Sousa Franco.

### A RIR

A proposito dos acontecimentos da Bulgaria:

—Qual é a sua opinião a respeito d'esta eterna questão do Oriente?

—A questão do Oriente, meu caro, é exactamente aquella em que menos nos podemos... orientar!

\*

Dialogo n'um café:

—E' preciso a gente precaver-se contra os sustos, meu amigo.

—Tem razão. Podem trazer consequencias fataes!

—Fata lissimas! Uma vez, em virtude d um susto que apanhei, ericaram-se-me os cabellos de tal forma que... até me fizeram cahir o chapéu da cabeça.

—O que me succedeu a mim foi ainda peor.

—Devéras?

—Imagine que, em consequencia d'um susto enorme, a cabeça me subiu acima do cabello.

—Hom'essa!

—Duvida? Pois affirmo lh'o. Foi assim que eu fiquei calvo d'esta maneira.

### UM CONSELHO POR SEMANA

SABÃO PARA TIRAR NODOAS

Alcool, 16 partes; sabão branco, 32; essencia de therebentina, 8; gemma de ovo, uma.

Encorpora-se tudo, e junta-se-lhe magnesia em quantidade bastante para obter uma massa que se divide em pães.

### UM SEGREDO

II

Era nas veperas do casamento.

Ao centro do gabinete pendia um candieiro enorme, de bojo branco, armação elegante, bronzeada. Um abat-jour fosco cortava a luz do gaz, deixando em meia sombra o piano, o sophá, as poltronas forradas de branco.

Estamos n'um aposento quadrado, pequenino; nas paredes um papel azul pallido; um tapete em quadros vermelho escuro,

muito macio; nas duas portas reposteiros amplos, caídos; n'uma estante de mogno muitos livros; a meio, uma meza redonda, coberta de jornaes, folhetos, illustrações, livros abertos, musicas, desenhos principiados: a um canto uma caixa de tintas, ao lado, sobre um cavallete, uma tela em que surgem os primeiros traços confusos d'um esboço; cortinados finissimos pendem na janella, em apanhados; pelas portas abertas entra um jacto de luar.

Sente-se lá fóra o silencio quieto das noites brandas de agosto. As arvores devem de estar immoveis. Sons indistinctos passam na atmosphaera tranquilla.

Ha rumores vagos, subterraneos, que veem de longe, das arterias da cidade. Uma aragem ligeira, tão fraca como um sopro de creança, nem move as folhas.

Ao pé da meza dormita uma mulher de cabellos grisalhos, vestida de negro: tem os olhos fechados e os labios distendidos. E' a mãe. Em frente, os noivos leem juntos no mesmo livro...

Quasi esquecidos, unem as cabeças, o olhar cravado na pagina aberta, as mãos enlaçadas. Ella é pallida, tem os olhos escuros cheios de agua, luminosos, os cabellos pretos ondeados, soltos no roupão alvo e amplo.

Elle é moreno, peito elevado, musculoso, phisionomia insinuante, uma ruga vertical vincando-lhe a testa recuada, barba curta castanha, apartada no queixo, cabello revolto, cabeça de artista.

—Como é bonito! disse ella.

Encararam-se.

Mas vendo a mãe, baixou a voz:

—Olha... adormeceu... coitada!

—E' verdade...

E ficaram calados, sorrindo, os olhos nos olhos, n'uma contemplação demorada, n'um extase infinito, sem pensar, sem ouvir, alheios de tudo, suspensos como n'um sonho bom, como n'um deslumbramento.

Um mundo de phantasias, uma catadupa de phrases quentes e precipitadas n'aquella linguagem muda, n'aquelles olhares que se penetravam, que se confundiam.

O luar arrastava-se no tapete, no gabinete o mesmo silencio pesado. Ouvia-se apenas o tic-tac monotono d'um relógio, lá dentro, e o respirar compassado e ligeiro da mãe.

Elles então principiaram uma conversa muito intima, em voz baixa, cautellosa, para não a despertarem. Ciciavam adoraveis pieguices, pequenas infantilidades, promessas sagradas, projectos phantasticos, planos sorridentes para o seu futuro proximo, tão cheio de tentações e de luz.

—...Será assim a nossa vida... Um ninho encantador, o nosso; e eu saberei fazer-te tão feliz, tanto, que esquecerás tudo o mais. Deus até ha-de invejar-nos, vê tu.

—Farás isso? Sentes o que dizes? Não te fatigarás de querer-me assim?

—Juro-t'o...

—Não jures! Sabes lá... Os homens são tão voluveis! Podes enganar-te. E... se assim fosse...

—Que farias?

—Que faria? eu...

Baixou a fronte, estremecendo.

Elle sorria-se:

—Que farias?

E levantou-lhe a cabeça, encarando-a.

—Eu... não sei...

Tinha os olhos humidos, um tremor nos labios.

—Creança! Porque? E' uma loucura. Vem cá: ora ouve. Pois não te sentes penetrar da verdade das minhas palavras, não ha entre nós uma eternidade de venturas quando te fixo lealmente, demoradamente, assim, e te digo com toda a minha alma que te amo, que és a metade da minha vida, a minha aspiração unica, o meu norte?...

Ella escutava-o enlevada, já sem apprehensões; e quando o noivo se calou, deixou-se ficar quieta, um sorriso nos labios, como se de longe lhe chegassem as notas suaves d'algunha canção divina.

—Ouviste-me?

—Sim: obrigada. Faz bem isso...

E de repente, n'um impeto de amor, n'uma ancia inexplicavel de o convencer, de lhe incutir o que sentia, agarrando-lhe as mãos e olhando-o de perto:

—E' que eu quero-te tanto, tanto! E tenho tanto medo de perder-te...

—Mas é que não me perdes.

—E... Nada...

—Dize.

—E... se eu... tivesse um defeito?

—Mas é que não tens defeitos.

—Um defeito phisico...

—Phisico?!

Elle riu-se.

—Tu?!

E envolveu-a n'um olhar demorado, que a fez corar.

—Tu? tão perfeita, tão...

Ella, toda vermelha, escondeu a cara nas mãos:

—Não quero. Máu! Que zanga! Não me olhes assim.

Pouco depois, a mãe despertava e o Antonio despedin-se.

Eram dez e meia.

Quando chegou ao largo, voltou-se:

—Até amanhã!

—Adeus!

—Durmam bem.

Mas tornou atrás, dizendo com um tom de malícia:

—E nada de pensar no tal defeito...

—Maui!

—Fallaremos, fallaremos.

Lucrecia e a mãe ficaram ainda à janella. Os passos d'elle resoavam no macadam sonoro da rua, até que se perderam ao longe. A lua caía para o poente: o seu distico de prata tinha um brilho suave, que incidia nas fachadas dos edificios distantes, deixando um rastro largo e tremulo na agua do Tejo, que se immobilizava lá em baixo.

—Que linda noite, mamã!

--Muito bonita, sim. Quando tinha a tua idade eram todas assim. Hoje fazem-me dormir.

Quatro dias depois estavam casados.

Antonio, desde aquella noite, ficou a scismar na confiden-

em pé, a meio do gabinete, o sobrolho contraído. Ella, junto da porta do *toilette*, baixava a cabeça, enleada, ruborisada. Assustava-a aquella aproximação, aquelle silencio penoso que não se atrevia a quebrar. Não se sentia à vontade. Queria acercar-se d'elle, perguntar-lhe o motivo porque se calava; mas o seu aspecto serio immobilizava-a, deixava-a fria, quasi com vontade de lhe fugir e de chorar.

Por fim, com a voz tremula, perguntou-lhe:

—Que te fiz eu?

O Antonio pareceu despertar. Chegou-se de vagar, pegou-lhe nas mãos, sentou-a n'uma *coscuse* e fitando-a bem de frente:

—O teu segredo...

—Ai! que vergonha!

—Sou teu marido... conta-m'o pois...

Houve um silencio longo.

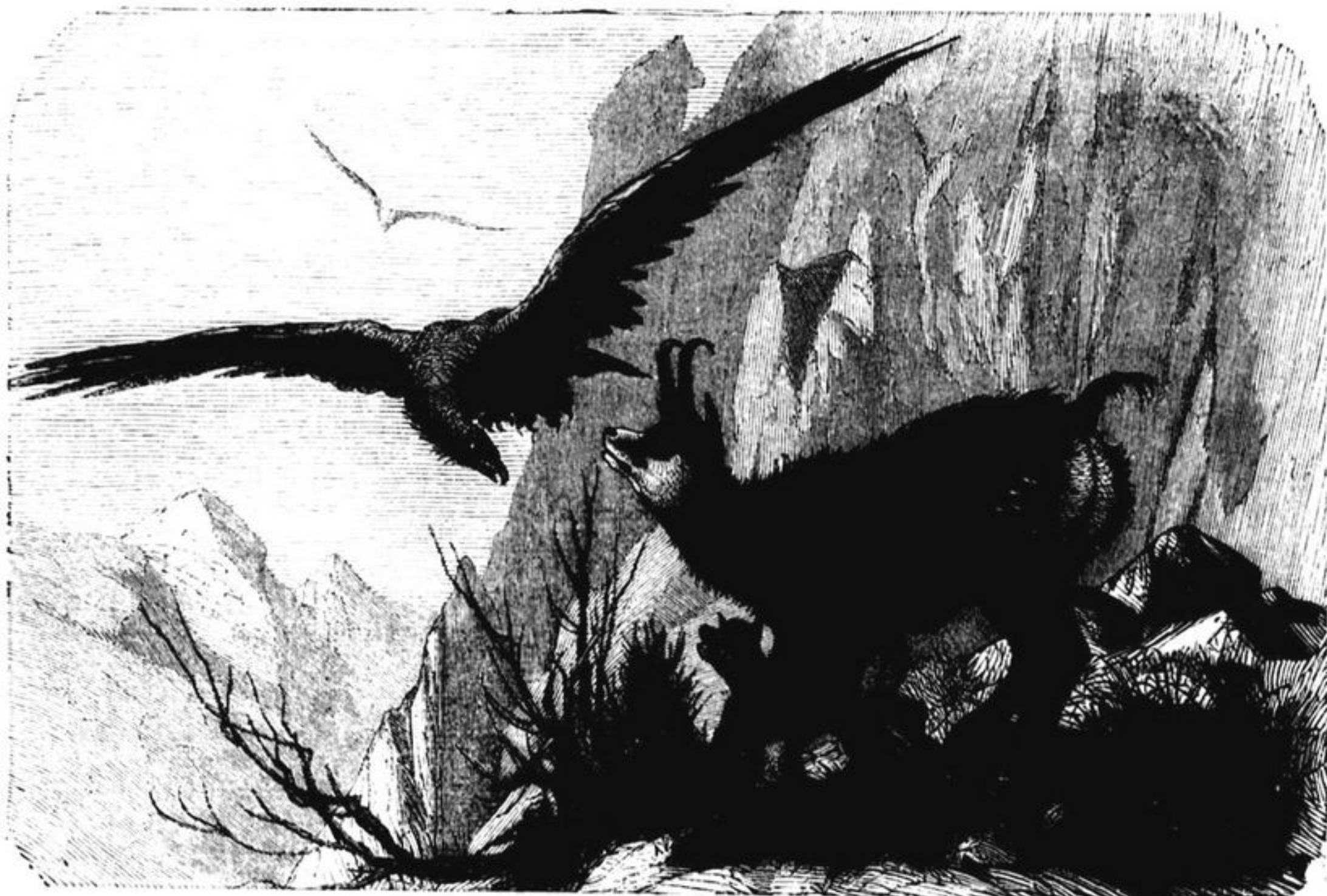
Uma aragem ligeira fazia oscillar as cortinas da janella aberta: O luar desenhava uma facha comprida no tapete do aposento. Ao longe o rodar surdo d'um trem quebrava a magestosa tranquillidade da noite serena.

—Então?...

Ella lançou-lhe os braços ao pescoço, murmurando:

—Tenho vergonha. Não sejas mau...

Antonio sentiu um estremecimento a contacto d'aquelles



UM MAU ENCONTRO

cia exquisita da noiva; na tarde seguinte quiz saber a verdade, mas ella recusou-se.

—E' um segredo. Digo-t'o mais tarde, quando fôres meu marido.

—Mas...

—Não insistas; peço-t'o.

—Bem, bem: guarda o teu segredo, disse elle amuado, olhando-a attentamente, como se quizesse adivinhar, descobrir defeitos escondidos.

—Qual! Não é coxa, não é torta: o cabello não é postiço: os braços... as mãos... os pés... Que diabo será?

Intrigava-o aquelle mysterio.

No dia do casamento esteve preocupado. Tivera um suspei-ta que o torturava; e n'um d'esses accessos de duvida e de impaciencia, quasi resolveu escrever-lhe para lhe impôr, como condição indispensavel, a revelação d'esse segredo.

Mas socegou. Deveria de ser alguma creancice, alguma tolice de rapariga, sem importancia. Mas, sendo assim, porque não o dizia? envergonhava-se... N'esse caso é porque... Diabol! um defeito que não se pode contar, que faz córar... E voltava a duvida atroz; creava a existencia d'uma falta, d'alguma coisa horrivel, d'uma vergonha. Cerrava os punhos, o olhar brilhava-lhe de colera.

Pelas onze horas da noite retiraram-se todos os convidados.

Ficaram sós os noivos nos seus aposentos.

Antonio, ainda com um vislumbre de duvida, conservou-se

braços roliços e mornos e d'aquelle corpo nitidamente desenhado no vestido de setim perola. Teve um deslumbramento, e como n'uma vertigem, os olhos cerrados, escondeu com os labios a boca humida e entreaberta da noiva.

\*

Pela madrugada, o gabinete estava deserto. Nos beirões dos telhados chilreavam umas andorinhas. A luz ainda cambaleante da aurora veiu beijar o reposteiro da alcova nupcial, de onde saía uma voz acariciadora de mulher:

—Mas, meu filho... não sejas exigente!...

—Dize-me então o teu segredo: que defeito é esse de que me fallaste?

\*

Ninguém respondeu.

Ficou tudo em silencio.

A aurora então, cheia de curiosidade, desviou uma prega do reposteiro e espreitou para dentro: a Lucrecia, junto do marido, mostrava-lhe que era quebrada.

LORJÓ TAVARES.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica